

# REVISTA DE ARTE E DE CRITICA

ANNO I

NOVEMBRO DE 1878

NUMERO I

## INTRODUCCÃO

A presente Revista é principalmente crítica; o adverbio tem explicação n'uma anarchia temerosa que vae dando irrizoria lei a grande parte da geração contemporanea. Surgem diariamente, de cada canto, «orgãos da geração nova,» — arbitraria denominação de um ou outro espirito enfermigo, impotente e faccioso. Taes *orgãos*, que reprezentam agglomeração cahotica de prozas e versos mendigados, escapam á acção da Critica e a cauza é evidente: a Política absorve, monopoliza, as forças mentaes dos jornalistas e deixa a chronica litteraria e artistica dos jornaes á disposição dos *praticantes*. Se accrescentarmos que estes ultimos collaborem nos *orgãos* supra, teremos dado a medida da autoridade moral e litteraria dos juizos da imprensa jornalística.

Severas e honradas excepções cumprir-nos-hia estabelecer: mas no animo dos leitores cultos crêmos vel-as. Citaremos Alexandre da Conceição: os disvellos que ao sizudo jornalista tem merecido a chronica das letras portuguezas conciliam-lhe o nosso respeito. Iguaes palavras pede á nossa consciencia o honrado labôr de J. Simões Dias.

Poucos mais omittimos.

A *Revista de Arte e de Critica* é uma «chamada á ordem,» no campo da Litteratura e da Arte: — «chamada» em nome do bom-senso e da probidade. Exclue, a um tempo, de suas paginas, o facciosismo e o favor. Não é «orgão da geração nova»: longe vá o desatino! Abre, porém, as suas portas aos trabalhadores provados, a quem revolte o cahos de favoritismo libertino, que por ahí vemos sem protesto.

E temos dicto.

R. R.

## A LITTERATURA «PHYSIOLOGICA»

Sobre um livro, por todos os titulos insignificante e ha dias publicado, escreve o sr. Pinheiro Chagas um prefacio, que uma folha jornalística inseriu em suas columnas, sob a epigraphe de *Realismo na Arte*. Prefacio de condemnações severas, de observações a espaços justas: subordinado, porém, a errada epigraphe. *Da Physiologia na Arte*: eis a condemnação legalisada. A orientação scientifica applicada aos dominios da Arte: eis o sacrilego absurdo. Demos de mão ao livro sem nome, que evocou das sombras do silencio o es-

pirito do sr. P. Chagas para a discussão do facto modernissimo.

«O *realismo* é simplesmente a continuação, degenerada do romantismo. O *realismo* toma os meios pelos fins, o accessorio pelo principal. Suppõe que o drama consiste no scenario, o personagem no feito, a verdade na photographia. Não vê que a arte, na escrupulosa imitação do verdadeiro, não pôde querer outra cousa senão dar um potente colorido de realidade ás figuras criadas por ella, mas que, se essas figuras não vem á scena do romance fazer alguma cousa (*sic*) que nos interesse, que nos commova, que nos agite, que nos entusiasme, o livro tem simplesmente o carater banal e fastidioso de um album de photographias de familia n'uma casa burgueza. Não comprehende que o fim da arte nunca pôde ser outro senão o de dar aos espiritos e ás imaginações um ideal sublime e puro, que é assim que ella moralisa e eleva, que fazer da arte como que uma succursal da physiologia é collocar o artista na plana d'aquelles ingenuos vulgarisadores da sciencia amena, que fazem para uso dos espiritos frivolos um tratado de sciencia recreativa, que nem entretém, nem instrue, que o campo da arte no campo da sciencia pôde e deve auxiliar o romancista, como a chimica auxilia o pintor, dando-lhe o segredo das tintas, mas que não pôde de modo algum fazer-lhe esquecer a missão especial que ao artista compete, que no campo da sciencia, por mais que o artista faça, nunca poderá competir com o sabio, e que os seus estudos physiologicos fazem bocejar os frivolos, e sorrir os physiologistas; que, se a arte emfim tem de ser a repetição da sciencia, que, se um romance é uma variante de um tractado de medicina, é um poema uma variante de um tractado de sciencias politicas e sociaes, o poema e o romance deixam de ter razão de ser, e que é um trabalho perfeitamente pueril estar a fazer livros de physiologia dialogada, e dissertações economico-politicas com rimas e cadencia.»

Alteração simples de uma palavra e tereis a verdade indiscutivel. Onde o critico escreve *Realismo*, ponde: a *escola physiologica*. No periodo contemporaneo, na moderna lucta, invocar o Romantismo, trazer á lucta dos vivos a palavra do tumulto é produzir um documento de leviandade que á Critica é força repellir. Os foros modernos pleiteam-n'os no terreno do Realismo as duas escolas, que, na moderna França, tem como representantes o homem da *Comedia Humana* e o homem da *Bovary*; — Zola é um Flaubert segundo. — As seguintes palavras do sr. P. Chagas dão-nos a medida da sua observação de ultima hora e da sua leviandade no exame dos documentos de hontem:

«O *realismo* (lêde: a *escola physiologica*) tem por

consequente, em quanto a mim, dous defeitos: a aspiração e o processo. Rejeita a paixão que é a essência da arte, e procede pela analyse em vez de proceder pela synthese. Como, porém, todos os defeitos teem uma qualidade que os compensa, os estudos a que o realista procede antes de lançar na tela o quadro são excellentes, porque junta um capital enorme de observações feitas com escrupuloso cuidado e viva preocupação da verdade. Os livros de Zola constituem uma colleção de estudos admiraveis, ha figuras de uma verdade maravilhosa nos cartões de Flaubert; mas Zola e Flaubert publicam os seus apontamentos. Nas mãos de um Shakespeare os Rougon, de Zola, davam um livro immortal que atravessaria os seculos, enquanto essa immensa historia natural de uma familia no tempo do Imperio ha-de estar amanhã completamente esquecida.»

Estará, decerto. Mas no espirito do sr. P. Chagas não calaram as nossas palavras de hontem, ou fingiu esquecel-as. Reproduzimos-as: é a nossa crença de hoje e a base fundamental do nosso processo, que a reacção dos eunucos vae confirmando:

A escola psychologica (1) obedecendo a um espirito metaphysico, procede por syntheses: a *Comedia humana*, o primeiro monumento litterario d'este seculo, é a glorificação d'essa escola e do omnipotente anatomista que a dirige. A escola physiologica, apoiada em A. Comte nega a verdade dos resultados da observação interior; observa exteriormente o homem, busca surprehendel-o em flagrante nas suas expressões externas e lança á conta de *arbitrariedade* o processo dos psychologistas.

Ora, é evidente que, de um exame cuidadoso applicado aos vultos syntheticos da *Comedia humana*, resalta, não a regularidade methodica, que lhe attribuem os discipulos de Flaubert, e que, a existir, bastaria a desauthorisar o observador, transformando-o em simples idealista, mas sim as contradicções e as fraquezas que constituem o homem no campo da verdade absoluta. Citaremos um exemplo: a *Esther Gobseck*: nada mais surpreendente de verdade do que as transformações successivas a que obedece a regeneração *apparente* da corteza.

O Realismo não é a reproducção da natureza: é a sua interpretação: esta definição poderosa do gigante da Critica moderna, o illustre Gustavo Planche, é a condemnação da escola physiologica. A debilidade dos caracteres de Flaubert e Zola (adiante diremos d'este ultimo); a sua inferioridade em face dos vultos da escola psychologica — e é evidente que o menos notavel dos vultos da *Comedia humana* ha-de sobreviver a todos os esboços da Physiologia — tal inferioridade, dizemos, não deve fascinar-nos, não nos fascina. Simplesmente, negamos a observação exterior a força indispensavel para attingir a verdade.

É um subsidio e não um ponto de apoio.

A exactidão mathematica na observação exterior é o predicado caracteristico da escola physiologica: nem um gesto, nem um tic especial ficarão esquecidos: imaginemos um naturalista, que, durante alguns annos, applica poderosos dotes de observação ao estudo de

um insecto e conclue por um Relatorio dos costumes do animal. Ganhou a paciencia humana, mas a sciencia pouco lucrou. E' força vél-o — e o snr. P. Chagas vél-o-ha comnosco.

A impotencia da escola physiologica para o estudo do sér moral leva-a a circumscrever a sua analyse a entidades sem *vida moral*, ou a aberrações que lhe permitem o recurso da phantasia desvairada. A Bovary, aberração torpe, deslocada no meio suave e puro da Normandia, e as dissolutas de Zola são specimens curiosos do facto. Da convicção firme de tal impotencia resulta — insistimos — a superior execução do descriptivo das cousas e a fidelidade da observação.

Acanhados limites são talvez para alguém os que a pugna litteraria no campo da Arte franceza pôde offerecer-nos. Algures passamos:

A escola de pintura ingleza é uma derivação da escola flamenga, — abortada, na phrase de Taine, mas de um modo profundamente original e, a nosso vér, profundamente moderno e significativo. A theoria de Hogarth, que é tambem de Lely, de Reynolds, de Fuseli e de Kneller, consiste em tornar a execução *physica* um accessorio: a tela, no primeiro relancear d'olhos, é simplesmente um *panno de bocca*: por detraz d'ella está o mundo psychologico, moral. O pintor deixou de ser simplesmente um reproductor: a preocupação da alma, do pensamento, do sér invisivel, apodeou-se d'elle: a exterioridade passou a occupar na tela um lugar secundario. Em Hogarth, a pintura dá a mão ao romance de Pöe e Richardson: é a satyra, a melancolia, a paixão. O artista é poeta e critico — alliança esplendida! A sua obra não é simplesmente um documento para a Historia, frio, pallido e exterior; é uma synthese (1).

Representará, ou não, este movimento a invasão da Psychologia no mais refractario dos terrenos a conquistar? Dominadora no periodo contemporaneo, como a Esthetica no hellenico, é ella a inspiradora suprema: na Arte, a verdade do descriptivo é simplesmente um subsidio: importa derivar da observação serena para a synthese elevada, interpretar, enfim: eis a formula (2).

Voltémo-nos para a velha Gallia: algures fallámos de Emilio Zola e dos seus *Rougon Macquart*, citados pelo sr. P. Chagas. Zola fizera preceder de um trabalho definidor da sua esthetica (3) o alludido monumento artistico. O trabalho em questão é um grito de colera e tem seu tanto de antecipado grito de triumpho: é a Physiologia *enragée*: «A verdade! sempre a verdade e só ella! — brada o physiologista — mas a verdade visivel, palpavel, ponteravel!» E, todavia, é uma verdade, senhores physiologistas, a invisivel e imponderavel Consciencia.

Mas o theorico demolidor entra na senda da applicação: ergue o monumento. Quereis vér como — felizmente para a Arte — olvidou a espaços o Physiologista a sua theoria positiva! Vêde os typos adoraveis de Silverio e de Miette, o melancolico vulto de Florent, as poderosas creações do abbade Faujas e da velha mãe: perguntai lá pelo systema do theorico! Onde está a transmissão physiologica? Esqueceu-a totalmente o

(1) Vid. o nosso livro «*Controversias e Estudos Litterarios*», 1878.

(1) Vidé, sobre o assumpto: Taine, *L'Esprit anglais*.

(2) Planche, Taine, Merlet, etc.

(3) *Mes Haines*. 1874.

artista; os odios systematicos afundaram-se perante a Psychologia eterna e a Arte triumphou, mau grado a theoria assente!

Terá a escola physiologica — e é este o terreno da controversia — horisontes vastos e seguros? Negamol-o terminantemente. A doutrina que circumscreve ao mundo physico o circulo da observação; que substitue as paixões, a Idéa e a Consciencia por as sensações, os instinctos e as combinações plasticas da vida vulgar: essa escola pôde afirmar-se mediante secundarios recursos — o brilhantismo e a fidelidade exterior, — mas se o Romantismo na plenitude do absurdo, vingou prostrar os exclusivismos classicos da *fôrma*, que será licito esperar, em vida e movimento, de uma escola, que tem do Classicismo a frieza methodica, sem a magestosa elevação dos monumentos d'este ultimo?

\*

O eminente critico inglez J. Ruskin, o author das *Stones of Venice*, (1) sustenta, defendendo a invasão da Psychologia na Pintura, que a mais escrupulosa verdade na reprodução dos detalhes caracteristicos é impotente para produzir o Bello. A verdade é simplesmente um meio: a Arte vai além e o seu fim consiste em despertar sensações de ordem superior. Igualmente não basta que o prazer *sensível* seja desperto. «Tal prazer pôde ser a base da impressão, mas é mister que elle seja acompanhado por um movimento de jubilo, por um sentimento *affectivo* pelo objecto exposto, por uma percepção da bondade e da intelligencia superior e, finalmente, por um impulso de gratidão e veneração pela intelligencia productora... Nenhuma impressão pôde ser reputada como do Bello, se na composição d'ella não collaboram taes sensações; do mesmo modo não será impossivel formar idéa de uma carta, se nos limitarmos a aspirar-lhe o perfume e a admirar-lhe a calligraphia, sem lidarmos por comprehender-lhe o conteúdo e a intenção (1).»

Como responde a tal afirmação de doutrina o critico francez? Mediante dous epithetos, recheiados de espirito parisiense; — a Esthetica de Ruskin é, no fim de tudo, «a esthetica de um homem do Norte, *espiritualista* e *protestante*.» Todas as afirmações do critico inglez são por igual annotadas com a bonhomia desdenhosa de um *lazzarone* critico. Citaremos algumas, attendendo a que a synthetizamos na theoria de Ruskin as nossas opiniões pessoais e a que o seu contradictor Taine não desdoura os homens do terreno oposto.

Ruskin condemnára como evidente deturpação da Historia o *S. Paulo* de fôrmas athleticas, creado pelo semi-deus Raphael. Não é mister recorrer a Taine para conhecer o *laid petit juif* de Rénan, que o critico francez cita lealmente, vá-se dizendo. Qual é porém a annotação do contradictor de Ruskin? — «Raphael tinha razão... elle pensava apenas em dar-nos homens for-

mosos, de elevada estatura e nobre presença e M. Ruskin pede á pintura os effeitos da Litteratura!»

Nada conhecemos mais deploravel do que esta apologia do falseamento historico: imaginemos um Raphael, surgindo em pleno seculo XIX e creando, a sabôr da sua phantasia e a coberto da theoria de Taine, um *Marat*, reprodução de *Ganymedes*: que dizer da profanação?

Uma phrase de Taine, em referencia a Ruskin, representa, porventura, um ponto de apoio do apregoado methodista para as suas digressões aventurosas: defendendo Raphael contra a argumentação de Ruskin, escreve: «E' facil de condemnar um artista, attribuindo-lhe intenções que elle não teve.» Ora, o caso das *intenções* do artista importa medianamente á Critica, — quando ella não arremessa ao leito de Procuisto de um *methodo* afirmações variaveis e inesperadas.

O ponto de apoio a que alludimos tem precedentes no estudo sobre Guizot e a *Historia da Revolução d'Inglaterra* (1) O dogmatico historiador parlamentar é defendido à *outrance*, por Taine, contra os *adversarios* de Guizot. A allusão sublinhada tem por alvo o fallecido Planche, de illustre e austera memoria; — mas, vamos concluir.

Dissemos, ha pouco, que os homens da nova escola physiologica tem no critico Taine, salvo ligeiras restricções, um defensor seguro: a appellação do critico para o principio de Darwin, sobre a selecção natural — «o ascendente do *meio*, por uma série de imperceptiveis formações e deformações, avoca os *artistas* capazes de interpretar o pensamento da sua raça ou da sua época (2)» — tal appellação, dizemos, é um grito de guerra, firme, sonoro e de um echo prolongado. Serão por igual firmes os alicerces da nova Fé? Chamem-nos, embora, por honrosa aproximação, *protestante* e *espiritualista*, crêmos que os seus fundadores ao passo que rebaixam o Pensamento no esplendor da sua missão, atacam-lhe a austera dignidade pela negação do *libre arbitrio*.

SILVA PINTO

---

### CANAAN

---

Tanta bocca a pedir! Tanto corpo chagado,  
Prêso sem remissão á magua que o consome!  
Tanto martyr, ao crime e á dor sacrificado,  
Quando um pão bastaria a mitigar-lhe a fome!..

.....

Tombára sobre a terra o véo de espessa noite.  
A voz do vendaval, como um tremendo açoite,  
Batia a immensidade. Em volta a escuridão  
la abraçando tudo. E vi com pasmo então  
Que o solo me faltava! e fui arrebatado  
Pelas azas do vento ao grande descampado

(1) *Essais de Critique*, etc.(2) *Ibid.*(1) Vid. o lucido trabalho de J. Milsand — *De l'Esthetique Anglaise*.(2) *L'Esprit anglais*, já cit. Diremos, de passagem, que na escola de pintura psychologista cumpre collocar Rembrandt. (Vide o Estudo de G. Planche sobre o mestre hollandez: *Études sur les Arts*, ed. M. Lévy, 1856).

Que parece servir de tecto a todo o mundo.  
Olhei. Cá para baixo — um pelago sem fundo.  
Para cima — o Infinito ainda! a *claridade!*  
— A *incognita* que assombra ha tanto a humanidade!  
E disse: hei de subir enquanto houver espaço.  
— Não! — bradou a atmospheria. E aquelle peito de aço  
Não se póde cortar. Resolve-se um problema;  
A natureza, Não! que a natureza é poema  
De mysterios, aberto á roda de mil mundos,  
Desenrolado do alto aos golfos mais profundos:  
A Biblia immensa onde a alma aprende a amar e a crêr,  
Mas que o homem jámais ha de acabar de lêr!..

E eu ia assim pensando; e a voz da ventania  
Começava a abrandar. Já a terra descobria  
O calejado peito. As nuvens em tropel  
Semelhavam, fugindo, arquejante corcel  
No ethereo turbilhão de indomita carreira.  
Ia a lua a subir, qual trémula caveira  
Que a colera de Deus arrebatasse a um tumulo.  
E eu, d'um sacro terror alevantado ao cumulo,  
Fitei o mundo então. Vi centos de calvarios  
Erguidos pelas mãos servis dos argentarios  
A tudo que é honesto e são. Vi a Justiça  
Pregada n'uma cruz; e vi deserta a liça  
Da Razão e do Bem. Vi deante do nobre  
Levantar-se... e baixar vasia a mão do pobre!  
E o povo... esse dormia!..

E ouvi que a Immensidade

Ensaiaua sua voz, sua voz de liberdade,  
P'ra azorrugar da terra a palidez sombria,  
E ensinar-lhe como é que se prepara o dia  
Da emancipação total... .

Para o oriente

O céu, preenhe de luz. tornou-se transparente,  
De incrível suavidade. E aquelle clarão dóce,  
Espreadingo-se lento, assim como se fosse  
Um grande mar de sóes, liberto das barreiras,  
Foi alastrando tudo. E então, onde as primeiras  
Scintillações de luz se haviam revelado,  
Onde o fôco, o vigor d'esse lume sagrado  
Se concentrára todo, abriu-se o firmamento.  
Ouvi um som igual ao fremito do vento,  
E nada mais. Depois... um silencio de morte!

Então, uma Visão de estranho gesto e porte,  
Sob fórma collossal de athletica mulher,  
Que baixára do azul sem que a pudesse vêr  
Meu deslumbrado olhar, parara ao pé de mim.  
Seu halito mais dóce e grato que o jasmim  
Embalsamava tudo. A sua formosura  
Nada tinha da terra. Immaculada e purar  
Sua tunica descia em ondas vaporosas,  
Quasi a perder de vista. Um circulo de rosas  
Lhe engrinaldava a fronte; e um tremulo sorriso,  
No qual se reflectia inteiro o paraiso,  
Mais a animava!..

E disse:

— Eu sou a Consciencia.

Fiz-te subir 'té onde é dado á Intelligencia.  
Nem precisas ir mais para abranger de todo  
N'um só golpe de vista o tremedal de lodo  
Que afoga lá por baixo a geração humana.  
Ostenta-se um palacio ao pé d'uma cabana.

Quando os Cresos, de trem, calcam a multidão,  
O proletario, o nú, se acaso estende a mão,  
Recebe por esmola — ou um insulto... ou lama.  
E no entanto esse mundo é o mundo que se chama  
Independente e livre! humano e fraternal!  
Os paes e heroes da patria inda hoje em Portugal  
Choram de opprobrio e dó! No campo da batalha  
— Denodados Titans — ao sopro da metralha  
Fizeram fluctuar liberrima a bandeira  
Ante a qual se prostrava humilde a terra inteira.  
Que premio lhes ha dado a patria? a *liberdade*  
De andar de porta em porta ao pão da Caridade!..  
Os cerebros de fogo, os lucidos talentos  
Que erigem ao paiz eternos monumentos  
Com a penna na mão, morrem como Camões  
No leito da miseria! Os grandes corações  
Sorve-os o lucto e a dôr! Na habitação da honra  
Se acaso logra entrar o espectro da deshonra,  
Não ha uma só mão que se lhe atire á face!  
Não ha um grito só, uma voz que ultrapasse  
O arrojo da vileza, e que brade bem rija:  
«Negreiro, para traz! para traz, sevandija!  
Guarda o teu ouro vil que ao pobre não consola!  
Fecha a bolsa da infamia! abre a bolsa da esmola!»  
Não ha uma só voz!..

E tu, ó Mocidade!

Que fazes da tua fé? da tua actividade?  
Que fazes d'essa alma — occulta mas immensa —  
Que impéra e vive em ti? Que fazes da tua crença?  
Quando has de subtrahir ás lides dissolutas  
Teu sangue — todo vida e força para as luctas?  
Quando hei de vêr no chão os impios Balthasares,  
E em seus paços gravado o *Mane, Thecel, Phares,*  
Pela lamina audaz da espada do Direito?  
Quando?..

Mas basta. Ao mais occulto do teu peito

Faze descer, meu filho, esta ultima sentença:  
A terra será luz, quando robusta crença  
Universal e pura a abraça inteiramente  
— Semelhante a uma cruz que milagrosamente  
Tivesse como base o mundo em toda a volta;  
E erguida ao infinito, em claridade envolta,  
Com os braços cingisse o céu de banda a banda.

O Desanimo — eu sei — é o monstro que vos anda  
Os passos a tolher, Apostolos da Ideia!  
Mas esse fogo audaz que dentro em voz se atêa  
Eu hei de conserval-o acceso eternamente.  
Filho! quando tua alma, heretica... descrente...  
Comece a vacillar, verás a minha espada  
Erguer-se flammejante á frente da cruzada,  
E has de ouvir-me bradar: «Apostolos, á liça!  
Em nome do Dever! em nome da Justiça!»  
E tu, á minha voz cobrando nova vida,  
Patentearás do novo á onda adormecida:  
Com a dextra a Officina! e com a outra mão  
Os porticos da Eschola — a sua redempção.  
E elle ha de abrir o olhar! craval-o no Futuro!  
Sentir-se grande e forte, illuminado e puro!  
E, furtando-se ao leito onde o prostrára a incuria,  
O mundo libertar de toda a raça spuria!

O Trabalho! a Instrucção! — pão do corpo, e pão d'alma...

A propria meretriz, que a paz tranquilla e calma  
Da familia e do lar, toda afundou no abysmo  
Da sua perdição, se a voz d'um cataclysmo  
Evocasse da sombra o mundo para a luz,  
Eu sei que ella cobrira os braços da sua cruz  
Com o véo da contricção, e um sentimento enorme  
Fizera d'uma Lais uma Marion Delorme.  
Soccorre a viuva, o pária, o orfão, o mendigo.  
Defende da Desgraça o teu proprio inimigo:  
Que importa haver em paga a ingratição mais fria?  
A quem remiu Jesus na hora da agonia?  
Não foi a um ladrão?..

Vae, filho! e amanhã  
As portas entrarás da nova Canaan.  
Aos filhos teus ensina a desprezar o ouro.  
Instrúe-os! a Instrução será o seu thesouro.  
O pobre que passou a noite mal dormida  
Por não ter pão em casa, e tenta contra a vida,  
Ah! se soubesse lêr... se tivesse ido á eschola...  
Bastava-lhe o Evangelho!—o Evangelho consola.  
Crê n'um poder supremo e bom que te domina.  
Discutil-o é tornar cobarde ou assassina  
A tua intelligencia. A alma, aonde existe  
A blasphemia do atheu, é mais sombria e triste  
Que um ermo pinheiral quando acoessado vento  
Alli vae sepultar seu ultimo lamento.

.....

Mas já desponta a aurora, e é tempo de deixar-te.  
Breve serei contigo. Adeus, meu filho. Parte!  
Ensina a toda a terra o que escutaste agora.  
Que eu veja dentro em pouco, aos raios d'outra aurora,  
Fluctuar o pendão do Amor e da Igualdade  
Ao sopro da Instrução e á voz da Caridade!

.....

E a Visão despar'ceu. Baixei de novo á terra.  
Ouvi dentro de mim, a incitar-me á guerra,  
Ainda a mesma voz.—Guerra pois! combater...  
Nas alas da Razão! nas alas do Dever!

.....

Dêmos! dêmos ao pobre um pão e uma eschola!  
Julgaes que o pouco é pouco á magua que o consome?  
Ah! para se saber o preço d'uma esmola  
é preciso saber primeiro—o que é ter fome.

NARCIZO DE LACERDA.

## ACADEMIA PORTUENSE DE BELLAS-ARTES

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO TRIENNAL

Vamos tentar em breves linhas a realisação de  
um arduo dever: qual é o de registrar meia duzia de  
considerações sensatas sobre alguns artistas da expo-  
sição triennial da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Um arduo dever, dizemos, e, poderíamos accres-  
centar, de execução improficua, senão em grande parte  
contra-producente. Em Portugal, a critica tem o con-  
dição especialissimo de, illuminando *embora* até certo  
ponto algum recanto obscuro da consciencia artistica,  
litteraria ou scientifica, de qualquer das tres individua-  
lidades correspondentes, ir offender a melindrosa pu-  
pilla das vaidadesinhas irritaveis e risiveis, incitando-  
as a virem a toda a pressa fechar portas e janellas, e  
calafetar as figas de toda a sua desmantelada egreji-  
nha, por fórma a interdiserem a entrada á esplendida  
irradiação do bom-senso e do bom-gosto immaculados.

Ante o portal d'esse miserimo pagode, a critica  
passa ovante, com toda a sua serenidade impassivel e  
magestosa, e, vendo n'aquella isempção desesperada-  
mente retrogada um como repto analogo ao *lasciate ogni  
speranza* do inferno dantesco, ou intima as coleras do  
céo e os vendavaes da indignação a derrocarem o gru-  
tesco pardieiro, ou o desampara ás solidões, egual-  
mente aniquiladoras, do seu despreso olympico.

Lá fóra, a critica tem outros deveres, senão mais  
justos, ao menos bem mais consoladores.

Vestal da intelligencia humana, os seus eternos  
principios alimentam o fogo sagrado nos cerebros pen-  
santes, e alteiam-lhes a flamma, e, em evolutivas e  
lentas ondulações harmonicas, elevam-lhes o azulado  
fumo da inspiração — essa aza immensa — aos altana-  
dos páramos do ideal. Felizes d'aquelles que o attingem,  
e, ao contrario d'Icaro, não succumbem aos seus  
formidaveis deslumbramentos, que só é dado affrontar  
aos genios!

Mas embora! desempenhem-nos do ingrato mis-  
ter, e sigamos desassombradamente, sem peias de qua-  
lidade alguma e sem tergiversações indignas, a dire-  
triz que nos traça a mão da consciencia no trilho es-  
cabroso da justiça.

Em Portugal, forçoso é dizel-o! não abundam as  
vocações artisticas.

Possuidores de um clima excepcional, e, em sum-  
ma, de um paiz extraordinariamente bem fadado, já  
nas manifestações da natureza viva, já tambem nas  
propriedades da natureza morta, para despertar n'um  
cerebro convenientemente organizado a divina scente-  
lha do bello, os seus habitantes, frios e rebeldes pe-  
rante as harmonias do universo, circumscrevem toda a  
sua força mental a um centro de concepções mesqui-  
nhas, de egoismos repugnantes e de miserias tórpes,  
que totalmente os absorvem e monstruosamente os en-  
vilecem.

Quando muito, abalançando-se ao processo, aliás  
engenhoso, de uma especie d'optica digna de lastima,  
e olhada mais ou menos de soslaio na esphera da leal-  
dade, assestam o espelho baço do seu intellecto sobre  
alguma creação que refulge ao longe, lá n'outros céos  
da arte.

E estadeiam-se então, sobranceiramente, em face  
do criterio indigena, com os gafados productos da sua  
lavra, que são apenas variações, sempre estropiadas e  
roufenhas, de algum *motivo* adoravel, colhido em fla-  
grante n'esta symphonia prodigiosamente complexa, que  
no tempo e no espaço vem executando a infinita or-

chestra dos astros, dos corações e dos espiritos sob a direcção suprema das leis essenciaes da natureza.

E' triste confessal-o, e tanto mais triste quanto o objecto da confissão é verdadeiro!

Entenda-se todavia que é á generalidade que nos referimos, pois não pretendemos—o que fôra exaggero indesculpavel—negar a existencia de um ou d'outro talento vigoroso que por ahi resplandeça ainda, bem que esmagado pela indifferença publica ou pela força irreductivel das contingencias, de algum modo filiadas no meio impossivel em que se vae arrastando a *arte portugueza*.

Cumpe-nos, em verdade, attribuir alguma coisa ao meio. Mas emfim, se esse isolamento, se essa desprotecção existe; se em Portugal o culto sacratissimo do bello tem contra si uma desconsideração profunda, e se a crysalida que em si concentra um certo numero de aspirações aladas, não rasga o envolvero da mediocridade e não vae por esse espaço, iriando-se directamente ao reverbero do ideal, não o deverá principalmente o artista á impotencia das suas faculdades, impotencia que lhe veda impôr-se á opinião publica, de modo a electrizal-a, a fazer-lhe vibrar todas as cordas do sentimento e a arrastal-a emfim, subjugada pelo imperio do talento e arrebatada pelo turbilhão do entusiasmo, — atravez da natureza, atravez da historia e da alma humana,—apoz o triumphante carro do seu estro?

Baixemos despreoccupadamente a vista sobre a exposição triennial de Bellas-Artes, e cojamos d'ahi a resposta em branco. Analyse o leitor essas gelidas paredes conventuaes; possua-se de consciencia e de boa-fé, e diga-nos depois se á pupilla visionaria da imaginação se lhe não entremostra o *Mane, Thecel, Phares* da lenda babilonica; esse fatidico e funereo dobre do aniquilamento.

E' eloquentissimo!

Passado tres annos de *incubação artistica*, durante os quaes tem ecoado na imprensa tantas victorias brillantissimas, ganhas lá fóra ao preço de innumerous sacrificios, de maguas insondaveis e de collosaes talentos, batidos em brecha pelo tufão do infortunio, aqui, os srs. Thaddeu e João Correia, por exemplo, com a sua subsistencia garantida pelo erario, e em plena posse dos meios technicos da arte, ousam apresentar-nos, um, desenhada a *crayon*, a vera effigie de um famulo qualquer, de almotolia em punho, e outro apenas dois retratos pintados a oleo, um dos quaes, o de Roquemont, é indigno de um homem arvorado em mestre de Academia!

E' espantosa a pobreza de concepção que mendi-ga em todas as telas! Algumas composições, que ha, respiram nauseabundamente, assim na ideia como na fórmula, a falsidade e a estreiteza das vistas a par com as baforadas da inepecia; mas nem umas nem outras são ainda assim tão gigantescas—o seu a seu dono—como o estupendo arrojio de quem as patenteia.

Do meio d'aquelle emmaranhado aeervo de insignificancias, destacam-se comtudo algumas aptidões pronunciadas: Simões d'Almeida, Soares dos Reis, Francisco José Rezende e Sousa Pinto, aquelles já ex-

perimentados n'estas luctas incruentas, e este com as suas energicas disposições ainda em germen, suavisa até certo ponto a impressão dolorosa que o resto infunde.

Basta. E encerrando aqui a serie de considerações que nos propozemos e que já vão longas, somos a dizer que ninguem mais do que nós se curva respeitoso ao verdadeiro talento, onde quer que elle se insculpa.

O que deixamos dito inspirou-nol-o simplesmente a justiça e o amor da arte, e é em nome d'ella que fazemos votos por que nunca a força da vontade se permitta succumbir ao peso fatal das circumstancias, antes se acrysole no cadinho das correntes adversas, e readquira tensão e se repleccione de um impeto inquebrantavel.

Isto para que possa descrever imperturbavelmente a alongada orbita que em torno ao sol do ideal, e penetrando-se dos seus clarões vivissimos, descrevem, sob o impulso d'ella, as intelligencias astraes, que a seu turno descem a banhar o nosso coração atribulado com a sua luminosa unção celeste!

LUIZ BOTELHO.

## NO TUMULO DE UMA CRENÇA

Anjo, que o nosso lar enchias de fulgor,  
Como um clarão d'aurora, a mais serena, e bella,  
Fundiste-te no azul: — Chamara-te o Senhor  
Para fazer de ti, por teu mago esplendor,  
Do seu diadema augusto a mais fulgida estrella.

PEDRO DE LIMA.

## ERNESTINA

Nul n'est heuroux et nul n'est triomphant.  
(VICTOR HUGO)

Ernestina! bem vês que me sujeito á sorte.  
Vive, como teu pae, do bulicio affastada:  
Feliz bem sei que não. E' um viver na morte,  
Mas tem paciencia, filha e soffre resignada.

Ninguem é feliz, cré. Todos soffrem no mundo,  
Para todos a vida é uma obra incompleta;  
Em cada hora que vae descarrega-nos fundo  
Um incuravel golpe a fera mão secreta.

Do berço á tumba dista um passo de creança;  
A vida é uma flor que a viração desfolha,  
Um sonho de rapaz, um fulgor d'esperança,  
Que nos sorri e foge — e que nunca mais se olha.

A vida é turbilhão, onde paixões enormes  
Combatem com fervor batalhas monstruosas;  
A perfidia villã compõe traições disformes;  
A cobardia esconde as garras cavilosas.

A adulação bajula os grandes potentados,  
Despreza a viuvez, a velhice e a orphandade,  
Quando ellas vão pedir o pão dos desgraçados,  
Estendendo por 'hi a mão á caridade.

Já vês que o mundo é mau. Se por acaso leres,  
Nos dias d'infortunio, este meu pobre canto,  
Lembre-te que teu pae, antes de tu nasceres,  
Teu berço humedeceu em abundante pranto.

ERNESTO PIRES.

## THEATROS

### ADELAIDE RISTORI

Um chuveiro de insultos, arremessado por uma parte do publico e da imprensa lisbonense, expulsou ha pouco do theatro de S. Carlos de Lisboa o tenor Tamberlick—o rival de Fraschini e de Mario. Allegação cruel dos insultadores:—«Tamberlick é uma ruina.» Não pronunciamos sobre o caso. Entendemos apenas que, entre os insultadores e o insultado, o papel deshonroso não coube ao ultimo.

Não coube, decerto.

Um vago instincto conduziu os censores austeros da formidável *ruina lyrica* de hontem, pela via do remorso, a uma singular tolerancia em frente da *ruina tragica* de hoje. Hontem predominava o apuro; hoje estrondêa a ovação. Nos catõesinhos da chronica luzitana a espinha dorsal de bronze transformou-se em gutta-percha. Tamberlick succumbiu ao pezo da tradição: fizeram-lhe da gloria um patibulo. A sr.<sup>a</sup> Ristori de hoje não tem patibulo—e ainda bem para todos nós; mas tem altar—e ainda mal para o senso commun.

Porque, custe embora a severidade da justiça aos manes do sr. Castilho e aos rapsodistas vivos de tal modelo—é uma *completa ruina* a artista que ahi vémos, conduzindo uma *troupe* de insignificantes e saudada com adjectivos campanados por uma chronica sem consciencia e por uma parte ingenua do publico. Nos ultimos tempos, uns ornamentos da geração novissima affirmavam a moderno-mania, injuriando o mais glorioso nome do theatro portuguez—Emilia das Neves,—o que não impedia, antes implicava, saudação perenne a todas as nullidades recommendadas, ás ingenuas baratas e ás tra-

gicas sem cothurno, que o theatro lisbonense vae disputando ao bordel com exito victorioso e incontestavel.

Pois bem; no theatro de S. João assistimos ao reaparecimento, no Porto, da sr.<sup>a</sup> Ristori; não influiu em nosso animo, — inutil porventura, dizel-o — a adoração de algures: sabemos quanto pezam aquellas boas consciencias. Olhámos de frente erguida—que a Critica não é a *escrava* insultada pelo finado Castilho na linguagem do derradeiro classico manuseado. Olhámos, sem preoccupações de homenagem á tradição gloriosa, nem ao patriotismo de convenção—e, ao sairmos da sala, do espectáculo triste, tivemos um pensamento de saudade e veneração para a mulher superior que durante trinta annos illuminou com seu genio o contestado palco portuguez.

Quem, na hora do desacato, pretendeu ahi subtrair á Critica o nome da sr.<sup>a</sup> Ristori, guindando-o aos dominios do sobrenatural e legalizando a insubordinação do seu talento na severa interpretação de um typo historico? não sabemos dizel-o, mas o attentado praticou-se, e, pronunciado em entono grave, tem sido ingenuamente repetido. Extraordinario: a sr.<sup>a</sup> Ristori promette-nos successivamente a *Isabel d'Inglaterra* e a *Maria Antonietta*: procuramos, na primeira noite, sobre o palco, a filha de Henrique VIII e, na segunda noite, a filha de Maria Thereza—e encontramos, hoje como hontem: não a fundadora da igreja anglicana, a auxiliar de Coligny e da Reforma, a protectora de Shakspeare e Spencer: não a adversaria implacavel dos Estudos Geraes: mas, hoje como hontem, a sr.<sup>a</sup> Ristori; e a Critica rizonha, a boa Critica de phrases diz-nos:—Aceitae, beijae a terra! Isso é o genio! não se subordina á verdade historica, não cabe nos moldes da Historia; é ciume, é odio, é desesperação, é amor: é modelo para paixões...

Ridiculo! Original, é certo: mas ridiculissimo tambem.

Se algum facto legalisa a *independencia* actual da sr.<sup>a</sup> Ristori perante a Critica é a decadencia profunda dos dotes d'aquella artista: o seu olhar dominador velou-lh'o a mão do tempo; as vibrações da sua voz extinguiram-se n'um esforço doloroso; o seu gesto largo e severo fatigou-se: afrouxamento completo e em toda a linha. A decadencia da tragica coaduna-se, porventura, com o estertôr da tragedia. Lamentamos a dupla agonia, mas o pranto não nos trouxe a cegueira e vae longo do sentimento da respeitosa lastima á adoração cega e inconsciente.

As breves palavras que ahi deixamos são formuladas em singulares circumstancias. São antes um protesto do que um relance critico. O ponto culminante da arte na sua triplice manifestação—classica, romantica e realista—atingiu-o a sublime actriz que ha pouco nos illuminou—Pezzana Gualtieri: attingiu-o severamente, pela Critica; Emilia das Neves attingiu-o pela inspiração genial e as duas sacerdotizas encontram-se na grande esphera. No tocante á Ristori de hontem nada diremos e o bom do La Fontaine, na sua fabula do Lobo e do Cordeiro, explica o silencio ignorante: mas a sr.<sup>a</sup> Ristori, que ahi temos, afigura-se nos por demais modesta descendo do pedestal da tradição para colher os applausos do favor. O divino Mestre desceu á terra—no dizer dos crentes—mas abandonou-a cedo, mal concluida a missão. Que a di-

vindade da Arte ressurja e nos deixe admirar o rasto de luz da sua gloria incontestada e da sua retirada para as alturas.

SILVA PINTO.

### EXPEDIENTE

O desenvolvimento da secção critica do nosso 1.º numero, obriga-nos a reservar para o numero immediato varias composições, devidas a um e outro confrades muito estimados, que honrarão de futuro a nossa Revista.

A composição do sr. Narciso de Lacerda, que hoje publicamos, é allusiva a uma festa de caridade, realisada n'estes ultimos dias. Pareceu-nos necessaria a explicação.

Já agora, aproveitamos o ensejo para saudar o apparecimento do nome do sr. Lacerda nas paginas da *Revista*: Talento de lei, destaca-se vigorosamente na pleiade que vae surgindo e tem dotes de *bom-senso* litterario que o livram do sestro da imitação fanatica, tão vulgar nos modernissimos.

Seja bemvindo.

\*  
\* \*

*Terça feira, 26 do corrente*, no theatro Baquet, subirá á scena em 1.ª representação o drama original do sr. Augusto Garraio — *O Homem das ruas*.

Vae em beneficio da talentoza actriz d'aquelle theatro — a sr.ª Amelia Mendes Garraio.

Nome estimado pelo publico, — duplamente estimado: mercê do talento da artista e das virtudes da mulher que o Porto acolheu creança — a sr.ª Amelia Mendes tem garantido o bom exito da sua festa pela simples enunciação — e a isto nos limitamos.

\*  
\* \*

Emilia das Neves foi aposentada com o ordenado de 72:000 reis. Como se o nivellamento d'aquelle genio com as exigencias de atrevidas mediocridades não constituisse desacato de lei. Um e outro humoristas desherdados arremessam a bilis mordenissima, ainda uma vez, áquelle nome glorioso.

O que não impede — e porventura implica — salameleks dos desherdados em questão ao espectro da tragica Ristori.

Ridiculos — mas coherentes.

\*  
\* \*

Camillo Castello Branco prepara um *Cancioneiro alegre; versos humoristicos*.

\*  
\* \*

O drama do sr. Antonio Ennes *A Emigração* fez, no Rio de Janeiro, perante a Critica e o publico illustrado, um completo fiasco. O *Jornal do Commercio* d'aquella cidade pronuncia uma condemnação severa sobre o drama e classifica-o de «trabalho de encomenda:» tanto importa dizer — de especulação.

Entretanto, o *Divorcio* do mesmo dramaturgo é classificado por uns e outros chronistas, de Lisboa, de obra prima e uma representação do drama, devida á singular Princeza Rattazi e realisada em um palacio de Paris, attinge aos olhos dos chronistas supra as proporções de um triumpho.

Outro chronista diz que o snr. Ennes está dormindo á sombra dos louros do *Divorcio*. Nós cremos que o dramaturgo, apoz os *Lazaristas*, adormeceu á sombra de mancenilheira. O *Saltimbanco* e seguintes documentos são obra do tumulo.

\*  
\* \*

Paris envia-nos o 1.º num. d'um semanario humoristico — *Le Triboulet*. Uma lastima! Nem espirito, nem senso-commun. Com o descredito dos reis, desceram os *Triboulets*, não dizemos na baixeza, mas nos dotes de profissão.

Triste!

\*  
\* \*

Ao mesmo tempo — e avigore-nos o facto a creença na geração de hoje — a mais nobre terra de Portugal, o Porto, dá-nos uma notavel *Revista de Philosophia*, dirigida por Theophilo Braga e Julio de Mattos, — o erudito historiador critico da Litteratura Portugueza, e um dos mais serios e cultos talentos da mocidade academica do nosso tempo.

Collaboram espiritos sizudos e de rija tempera: entre elles, Vasconcellos Abreu e Consiglieri Pedrozo.

\*  
\* \*

A cadeira vaga do Curso Superior de Lettras, por morte de Augusto Seromanho, vae ser preenchida em concurso no proximo mez de Dezembro.

Concorrem os srs. Manoel d'Arriaga, Alberto Pimentel (!!), Nepomuceno Seixas e Consiglieri Pedrozo.

O jury é composto dos professores do Curso: os srs. Antonio José Viale, Theophilo Braga, Adolpho Coelho, Souza Lobo e Vasconcellos Abreu.

Que vão com elles a imparcialidade e a razão.

\*  
\* \*

No proximo numero encetarã a *Revista* um Estudo sobre a poesia contemporanea em Portugal e dará uma esplendida composição inedita, do grande poeta Alexandre Braga, o unico sobrevivente da vigorosa pleiade portuense e que, nos ultimos annos, se escondeu no tumulo.

SILVA PINTO.